

ilusória aposta a dos que imaginaram escapar a esse possível destino, recolhendo às antigas moradas onde durante séculos salvaguardaram a sua preciosa identidade. Sem consciência europeia, sem interiorização e vivência, não de uma hipotética e mítica identidade europeia, mas do mais óbvio sentimento de sermos europeus por sermos responsáveis por um certo espaço, herdeiros ou filhos desta civilização e não de outra, a hipótese de uma desintegração do que até hoje se chamou Europa nada tem de impensável.

Infelizmente, o discurso europeísta sobre a Europa nunca encarou essa hipótese por nunca ter visado a Europa e a sua construção como uma espécie de "mecanno" económico-político e na melhor das hipóteses como uma evidência cultural que pela sua excelência se impunha ou imporia como modelo ou destino natural. Mas a esse título, a Europa não existe. A Europa são os europeus, as múltiplas maneiras de ser europeu na Europa que cada nação e cultura representam. Não é a Europa, mesmo ideal que nos dará uma alma. São os europeus, menos como indivíduos do que como membros de grupos, associações naturais, centros de memória e de iniciativas, que são realmente a Europa e só para eles a Europa existe. A Europa dos negócios, da tecnologia, dos interesses nacionais ou privados, a Europa dos políticos e da política, são também Europa. E até parece que não há outra. Mas mesmo essa só vive porque os seus actores são pessoas para quem o destino europeu importa menos como construção de regras, de leis, de projectos, que como aposta ao mesmo tempo histórica e individual na construção de um espaço de vida e de cultura o menos inumano possível. Ou o menos fechado sobre si mesmo por se ter concebido e lutado - nem sempre com sucesso - como cultura da liberdade.

A educação personalista de Helena Vaz da Silva tornou-lhe familiar e vocacionou-a para conceber a construção europeia como o fruto de um empenhamento das pessoas em tarefas sem aparente transcendência, projectos de implicação convivial, ludicamente assumidos, tão independentes do institucional quanto é possível. Há muito que experimentou o seu método no Centro Nacional de Cultura. É, por natureza, uma activista e uma sonhadora. A sua cruzada na defesa do património europeu, a sugestão de a levar a cabo através das "pessoas", de gente para quem salvar a memória do passado que nos fez o que somos é tão importante como preservar o ar que respiramos, situa-se nessa linha da excepcional animadora cultural que exemplificou entre nós. Há muitas maneiras de ser europeu e fazer

EDUARDO LORENÇO, "A Europa das Pessoas" in Helena Vaz da Silva, Qual Europa?, s.e., 1996, p. 17*

